

Laço social no Cartel

Dalmara Marques Ablá¹

A experiência analítica se instaura na referência ao *y a d'l'un* (Há do um) e, da mesma forma, cada experiência em cartel se dá como expressão única, fundada na decisão que supõe o sujeito no tempo de um ato que reatualiza o “fazer escola”.

A expressão “fazer escola” resulta de um enfoque político, constituída na abrangência de um laço tomado como laço social entre analistas. O discurso analítico promove o laço social em uma comunidade de analistas, como efeito de trabalho do inconsciente. O exercício de leitura da escrita de Freud e Lacan, a prática clínica e a intersecção com outros campos de saber se enodam, desde que operados pelo discurso analítico.

“A psicanálise”, diz Lacan na Terceira, “socialmente tem uma outra consistência, diferente dos outros discursos. Ela é um laço a dois. É exatamente nisso que ela se acha no lugar da falta de relação sexual. Isso não basta de modo algum para fazer dela um sintoma social, pois a relação sexual... ela falta em todas as formas de sociedades. Isso está ligado à verdade que faz estrutura de todo discurso. É exatamente por isso, aliás, que não há verdadeira sociedade fundada no discurso analítico. Há uma Escola que, justamente, não se define por ser uma sociedade. Ela se define por eu ensinar ali alguma coisa.”

No Seminário 20/ *Encore*, ao situar a função do escrito no discurso analítico, Lacan introduz a seguinte questão: “Do que eu ensino? De onde isso vem, um ensinamento do qual eu possa ser o efeito?”

Por esta via introduz o que fundou como o discurso analítico, escrito precisamente com quatro letras, duas barras e alguns traços. No esquema do discurso analítico, o pequeno *a* se escreve no alto, à esquerda, e é sustentado por esse *S*, o saber, na medida em que ele está no lugar da verdade. É de onde ele interpela o *S*, ao qual se pede que diga não importa o que, que deve levar à produção do *S*, do significante com o qual se possa resolver sua relação com a verdade.

O que desse modo se escreve é o discurso analítico, modo de relação nova que se fundou pelo que funciona como palavra (*parole*) e isso em algo que é definido como um campo. A alusão à primeira, “Função e campo da palavra e da linguagem em Psicanálise” evidencia a noção lógica da escrita destes textos. Um se reescreve no outro relançando a função do discurso analítico que se expressa através da palavra em um campo de linguagem. Cabe então indagar com Lacan: “qual pode ser a função do escrito do discurso analítico?”

Para poder falar das funções desse discurso é proposto, como já foi colocado, o uso de certo número de letras, o pequeno *a* chamado de objeto, mas que não passa de uma letra, o *A* que de início designa um lugar, um local. Lugar do Outro (*Autre*), designado por uma letra, que é duplicado com o *S* que quer dizer significante do Outro, na medida em que ele é barrado *S* (*A*). Com isso é articulado no escrito, que este lugar ele não se sustenta, que há nesse lugar designado como do Outro, uma falha, uma perda. E é precisamente a partir do que vem funcionar no plano do objeto pequeno *a*, em relação a essa perda, que se propõe algo de inteiramente essencial à função da linguagem.

1- Psicanalista, membro da Escola letra Freudiana

Desta forma é mostrado no discurso analítico a relação do que essas letras introduzem na função do significante. Cabe assinalar que o escrito não é do mesmo registro do significante. O significante como tal se refere ao discurso, a um modo de funcionamento da linguagem, a uma utilização da linguagem como laço. “E o que quer dizer este laço?” Indaga Lacan. O laço, ele acrescenta, “é um laço entre aqueles que falam”. O significante produz efeitos de laço. Cada realidade se define e se funda por um discurso, assim cada discurso estabelece um laço social de acordo com sua estrutura discursiva.

A partir de uma experiência em Cartel surgem reflexões sobre o laço social como efeito do discurso analítico na radicalidade do não saber. A questão do saber atravessa uma Escola de psicanálise e é em suas nuances que os giros discursivos se apresentam. Um Cartel em andamento é motivado pelas freqüentes alterações em sua estrutura de número. Sai um membro, pouco depois outro e outro...

Quando um membro sai do dispositivo a estrutura borromeana se rompe. Tempo de corte. Aos que permanecem resta alguma reflexão e indagação sobre o que motivou a saída. Os lugares de ensino e transmissão na escola são muitos e não é difícil que os horários e os interesses se renovem e desta forma se superponham. Os membros do Cartel que permanecem implicados com o tema escolhido e com suas questões se reestruturam até o tempo considerado limite quando tem lugar a proposta de dissolução do dispositivo.

Nas Conferências sobre o saber do analista, Lacan enfatiza mais uma vez a questão da ignorância em sua ligação ao saber. Talvez esta seja a via que crie dificuldades no trabalho em Cartel. A suposição de saber no dispositivo não se sustenta, o que é aí colocado a trabalhar é o desejo de cada um articulado na falta de mestria, de um saber totalizante que aplaque a angústia ou qualquer outro incomodo. Trata-se de um árduo trabalho que verifica a possibilidade de operar o mais próximo possível do discurso analítico onde a ignorância porta o saber em seu nível mais baixo.

A questão do saber por apresentar várias nuances, desliza de um discurso ao outro. Na Escola em momentos diversificados vários discursos se apresentam. A permanência em um discurso que desloque o que é próprio do discurso analítico problematiza a dimensão - do não saber.

Ao considerar que o Cartel apresenta movimentos em sua estrutura e funcionamento pode ocorrer uma identificação que tomada como obstáculo predomina em um tempo cujo corte é introduzido pela reestruturação nodal.

Em seminário do dia 09 de junho de 1994, Eduardo Vidal ao abordar a Identificação Histórica introduz o significante “empilhamento”. Ele observa que se a estrutura borromeana é afetada , 4 mais um, cinco mais um que fazem seis ao invés de se enodar através da condição do discurso analítico, pode se escrever de diversas maneiras, por exemplo por uma condição de “empilhamento”.

Também pode ocorrer que a estrutura do dispositivo não apresente alterações e mesmo assim o Cartel não produza que fique estagnado apenas no que ele assegura de laço social. É quando o mais um – que enquanto função, pode ser qualquer um - avisado que no horizonte do dispositivo tem algo a mais, lança ao Cartel a urgência da escrita .

Esta via permite articular a proposta do ensino de Lacan de produção do nó borromeano. Este ponto não abrange apenas a intensão, prática analítica, como também a extensão com o que possa comportar de relação em uma Escola em uma relação de trabalho com os outros. Por isso é interessante verificar uma certa propriedade borromeana do Cartel, porque, isso implica que cada um dos cartelizantes se submeta à estrutura.

E quando se restabelece a tensão própria do nó borromeano no funcionamento do Cartel volta a predominar o imaginário que estabelece laços na pontualidade do desejo de cada um. Neste caso se trata da identificação tomada como propiciadora de laços de trabalho. O enfoque recai na terceira identificação, identificação histérica indicada por Freud como a que causa, que provoca o ir atrás de alguma coisa. “A identificação é conhecida pela Psicanálise como a primeira manifestação de um laço sentimental a uma outra pessoa.”

A tradução do texto de Freud “Psicologia das massas e análise do eu”, cap. VII; A Identificação, realizada por Eduardo Vidal é introduzida aqui através de alguns parágrafos considerados esclarecedores quanto à constituição da identificação: “Há um terceiro caso de formação de sintoma, especialmente freqüente e significativo no qual a identificação prescinde totalmente da relação de objeto com a pessoa copiada. Quando, por exemplo, uma das meninas do pensionato recebeu uma carta do namorado secreto que causa ciúmes e à qual reage com um ataque histérico, algumas de suas colegas que conhecem o assunto, assumem então este ataque, como dizemos, pelo caminho da infecção psíquica. O mecanismo é o da identificação baseado no querer ou poder colocar-se na mesma situação”... percebeu em outro uma analogia significativa em um ponto, no nosso caso, na mesma disposição sentimental; forma-se, em seguida, uma identificação neste ponto e, sob a influência da situação patógena, esta identificação se desloca para o sintoma que aquele eu produziu. A identificação através do sintoma torna-se assim sinal para um lugar de recobrimento de ambos os eus, que deve ser mantido recalçado” ... “ela pode surgir em cada nova comunidade percebida, com uma pessoa que não é objeto de pulsões sexuais. Quanto mais significativa for esta comunidade, mais bem sucedida tem que poder tornar-se esta identificação parcial, e assim, corresponder ao início de um novo laço.”

Ao relacionar ao texto a identificação histérica, minuciosamente elaborada por Freud, se verifica que a insatisfação, neste caso, funciona como mola proporcionando uma certa procura. A questão que logo se coloca trata da produção de sintoma, na medida em que tem um ponto que avança e que se esgota no próprio sintoma. Então na Escola, através da particularidade do desejo de cada um, há que se procurar um diferencial que leve a trabalhar.

Um outro ponto que merece alusão trata da especificidade do Cartel do Passe. Este funciona na particularidade do desejo do analista, que ao operar faz barra a causa pela identificação. É quando cada um de seus membros, na radicalidade dos efeitos do discurso analítico - impossibilidade do saber - faz valer a tensão própria ao desejo viabilizando a transmissão.